

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA GRAU LICENCIATURA

João Vicente Alves Gonçalves

**O RUGBY NA DISCIPLINA ESPORTES
COMPLEMENTARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Uberlândia
2025

João Vicente Alves Gonçalves

**O RUGBY NA DISCIPLINA ESPORTES
COMPLEMENTARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Educação Física, grau Licenciatura, da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Docente responsável: Prof. Dr. Wagner Matias do Prado.

Uberlândia
2025

João Vicente Alves Gonçalves

O RUGBY NA DISCIPLINA ESPORTES COMPLEMENTARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Data: 18/09/2025

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Educação Física, grau Licenciatura, da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Docente responsável: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Matias do Prado (FAEFI/UFU)
Presidente

Profa. Dra. Sônia Bertoni (FAEFI/UFU)
Membro interno

Prof. Dr. Bruno Gonzaga Teodoro (ESEBA/UFU)
Membro externo

Dedico este trabalho, aos futuros pesquisadores/as que, assim como eu, se encantaram com a temática do *Rugby* na formação em Educação Física. A todos que, no campo ou na vida, me ensinaram o verdadeiro espírito do *Rugby*: respeito, disciplina, coragem e trabalho em equipe.

Que este estudo sirva como fonte de inspiração, reflexão e base para novas investigações, contribuindo para o fortalecimento e a valorização dessa modalidade no contexto acadêmico e profissional.

"O esporte não deveria ser oposto à Educação Física, mas abarcado por ela, dado que está é mais ampla".

- Francisco Eduardo Caparroz

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer palavra, ergo meus pensamentos ao papai do Céu, agradecendo por sua infinita misericórdia, pelos dons que generosamente me concedeu e por cada bênção que iluminou o meu caminho.

Aos meus pais, João Batista Gonçalves Silva e Elizangela Alves Silva, dedico um agradecimento carregado de amor e gratidão. Foram anos de esforço silencioso, dedicação incansável e sacrifícios que, muitas vezes, só o coração conhece. Cada conquista minha é também de vocês.

Registro também meu sincero agradecimento à Universidade Federal de Uberlândia, que transformou minha trajetória para melhor. Nos últimos quatro anos, vivi intensamente a Universidade — estudando, me alimentando e descansando no espaço que passei a chamar de lar, a Moradia Estudantil.

Ao meu orientador e hoje amigo, Prof. Dr. Vagner Matias do Prado, agradeço pela paciência, pela dedicação e por acreditar nas minhas ideias desde o primeiro momento. Sua disposição em me guiar e seu compromisso em cada etapa fizeram toda a diferença nesta jornada.

Esboço minha gratidão ao Raul Fregatti Garbin, por ter ofertado a possibilidade da vivência do *Rugby*, e pela disposição para me auxiliar nas minhas pesquisas para a elaboração deste trabalho.

Ao GPESP - Grupo de Pesquisa, Educação, Sexualidades e Performatividades, pela contribuição para o meu trabalho e na preparação para a defesa dele.

A professora Dra. Sônia Bertoni e o professor Dr. Bruno Gonzaga Teodoro, membros da banca examinadora, deixo meu sincero reconhecimento por doarem seu tempo e contribuírem com olhares e saberes que enriqueceram este trabalho.

E, finalmente, a todos/as os/as professores/as que cruzaram meu caminho: Augusto, Aline, Bethi, Camila, Cláudia, Frederico (meu orientador na monitoria do componente curricular Anatomia), Gabriel, Gabriela, Gislene, Guilherme, Joelma, Luciano, Marina, Rita, Sérgio, Solange e Sônia. Obrigado por cada conselho que me fortaleceu, cada orientação que direcionou, elogio que incentivou e cada palavra que manteve viva a chama da inspiração.

Este trabalho é mais do que do um pré-requisito acadêmico: é um pedaço de cada um de vocês que segue comigo para sempre.

O RUGBY NA DISCIPLINA ESPORTES COMPLEMENTARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Vicente Alves Gonçalves¹
Vagner Matias do Prado²

Resumo

Este trabalho aborda experiências vivenciadas na prática do Rugby durante um curso de formação inicial de professores. Traz como objetivo refletir sobre a vivência da modalidade esportiva *Rugby* durante aulas do componente curricular “Esportes Complementares” (EC) com uma carga horária total de 60 horas, na formação inicial de professores/as de Educação Física. Utilizou-se o gênero textual relato de experiência com abordagem qualitativa, baseado na vivência de aulas práticas durante o curso da disciplina optativa Esportes Complementares a partir de uma reflexão crítica. A experimentação da modalidade foi composta por 15 alunos de ambos os gêneros, com média de idade de 23 anos. A experiência com a modalidade foi enriquecedora, expandindo o campo de percepções e pensamentos para a futura prática pedagógica na escola.

Palavras-chave: Esporte; Formação Inicial; Componente Curricular; Escola.

RUGBY IN THE COMPLEMENTARY SPORTS COURSE: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract

This paper discusses experiences lived in the practice of Rugby during an initial teacher education program. Its objective is to reflect on the experience with the sport of Rugby during classes in the curricular component “Complementary Sports” (CS), totaling 60 hours, within the initial training of Physical Education teachers. A qualitative experience report was used, based on practical class experiences in the optional course Complementary Sports, followed by critical reflection. The experimentation with the sport involved 15 students, both male and female, with an average age of 23 years. The experience with the modality was enriching, expanding the range of perceptions and thoughts for future pedagogical practice in schools.

Keywords: Sport; Initial Training; Curricular Component; School.

¹ Graduando em Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do GPESP – Grupo de Pesquisa, Educação, Sexualidades e Performatividades (CNPq). Email: joao.goncalves2@ufu.br

² Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do GPESP – Grupo de Pesquisa, Educação, Sexualidades e Performatividades (CNPq).

Introdução

Este artigo, produzido como requisito obrigatório para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Educação Física grau Licenciatura, da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU), apresenta reflexões sobre a vivência da modalidade esportiva *Rugby* durante aulas do componente curricular “Esportes Complementares” (EC). Contempla discussões do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (GPESP/CNPq) que, dentre outras, problematiza até que ponto a experiência possibilitada na formação inicial de professores e professoras potencializa a diversificação dos conteúdos ligados à Cultura Corporal de Movimento (CCM) em aulas de educação física na educação básica, impactando na atuação profissional futura.

No curso de Educação Física grau Licenciatura (EFL) o TCC é apresentado nos períodos finais da formação para que, juntamente com a contabilização dos créditos em disciplinas e demais atividades acadêmicas, o/a graduando/a obtenha o grau de Licenciado em Educação Física. A produção do trabalho contou com uma carga horária de 120 horas, fracionadas em duas disciplinas: “Trabalho de Conclusão de Curso I” (TCC I), geralmente destinada a elaboração do projeto de pesquisa; e “Trabalho de Conclusão de Curso II” (TCC II), momento no qual a pesquisa ou trabalho acadêmico é desenvolvido (FAEFI, 2018).

Durante a graduação o debate sobre a práxis de professores/as de educação física estabelece a crítica de que, não raro, na maioria das vezes suas atuações no contexto escolar se fundamentam, prioritariamente, em práticas ou modalidade esportivas tidas como “mais populares” (entenda populares como midiáticas), não diversificando os conteúdos. Em contrapartida, poucas experiências em modalidades não convencionais são possibilitadas durante a formação inicial.

Segundo Rodrigues e Lima (2017), a formação deve refletir os valores e práticas esperados do futuro profissional, isto é, ofertar uma determinada personalidade, mas também a capacidade de assimilar e acomodar novas situações. Planejar um ensino sensível às características e experiências dos/as alunos/as, utilizando recursos adequados para atender às diferentes necessidades de aprendizagem.

Posto isso, aprender uma modalidade não recorrente na formação em EFL poderia contribuir para a prática profissional na Educação Básica ao potencializar a diversificação de

conteúdos, ampliar o repertório dos/das estudantes acerca da CCM e favorecer a identificação de alunos/as para com a Educação Física na escola.

Como destacam Perreira, Silva e Ludorf (2022), valorizar a diversidade curricular significa oferecer práticas corporais variadas, ampliando o conhecimento dos/as alunos/as e fortalecendo sua identificação com os conteúdos. Esse é um desafio que vale a pena enfrentar para que a Educação Física represente um espaço em que seja promovida a aventura da aprendizagem, o prazer da partilha e a alegria do movimento.

Dessa maneira, este *paper* tem como objetivo relatar a experiência formativa na modalidade *Rugby* adquirida na disciplina EC do curso de EFL da FAEFI/UFU. A prática foi vivenciada durante o segundo semestre letivo do ano de 2024 nas dependências do *campus* Educação Física.

O gênero textual eleito para a redação deste trabalho foi o de relato de experiência, a partir de uma abordagem qualitativa. Em concordância com Deslauriers (1991 citado por Gerhardt e Silveira, 2009, p. 4), na abordagem qualitativa o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas.

Neste sentido, após esta breve introdução o artigo exporá maiores detalhes sobre o referencial teórico adotado, que abordará aspectos históricos da origem do rugby até sua possível inserção na Educação Física Escolar. Na sequência, serão explicitados os procedimentos metodológicos adotados. Em seguida serão apresentados os resultados e discussão. Por fim, as considerações finais possibilitadas.

Referencial Teórico

Vestígios históricos, desenvolvimento da prática e características da modalidade

O *Rugby* surgiu na Inglaterra no século XIX. De acordo com a Confederação Brasileira de Rugby (CBRu, 2025) a modalidade possui origem lendária, datada de 1823, quando William Webb Ellis teria inovado ao correr com a bola nas mãos durante um jogo escolar de futebol na *Rugby School*, no qual, naquela época, era estudante da instituição.

Gutierrez (2016) destaca que Ellis era considerado pouco habilidoso com os pés. Em uma aula de futebol pegou a bola com as mãos e correu em direção ao gol. Os outros estudantes, diante da situação, o perseguiram, tentando evitar que completasse seu objetivo, não utilizando os pés. Segundo a narrativa, esse seria o contexto que criou a base para o surgimento do *Rugby*, tal como o conhecemos hoje.

A nova prática criada acabou por proporcionar uma “maneira diferente” de se jogar o

futebol. Nesse sentido, para aqueles que não se enquadram nos requisitos físico técnicos do futebol, o *Rugby* se configurou como uma possibilidade na qual a vontade, mais do que a habilidade, é o elemento fundamental (Gutierrez, 2016).

A Escola de *Rugby*, localizada na cidade de *Rugby* (Inglaterra), no Reino Unido, é considerada uma das principais “casas” educacionais internas e é uma das mais antigas escolas públicas do país. Thomas Arnold, o diretor da *Rugby School*, foi o idealizador dos valores presentes na nova modalidade, a saber: paixão, respeito, solidariedade, integridade e disciplina (Findlay, 1902).

Há que se ter em conta a importância do rúgbi para os britânicos. Foi uma das modalidades que se desenvolveu no âmbito do movimento de valorização e sistematização da prática de atividades físicas desencadeado nas public schools inglesas a partir dos anos 1820, gradativamente influenciado pela ideia de Cristianismo Muscular que Thomas Arnold inaugurou na Escola de *Rugby*. Nesse cenário, se difundiu a percepção de que os esportes seriam ferramentas de grande utilidade para educar os jovens das elites que ocupariam os espaços de liderança no Império (Melo e Gonçalves, 2019, p. 3)³.

Conforme afirma Sant’anna (2010), Arthur Pell tentou fundar um clube de *Rugby* na comunidade. Contudo como a prática não era regulamentada, existiam diversas maneiras de se jogar. Ou seja, as regras se diferenciavam em decorrência dos locais onde o *Rugby* era praticado.

A experiência de Pell não foi bem-sucedida, pois os participantes não entraram em acordo sobre as regras para viabilizar o jogo. Nesse sentido, ainda segundo Sant’anna (2010), as primeiras tentativas formais de se formar um clube de *Rugby* aconteceram em 1839.

Naquele ano, Pell estabeleceu a primeira equipe na Universidade de Cambridge e formulou as denominadas "Regras de Cambridge". Cabe destacar que a redação dessas normativas foram inscritas na parede de um banheiro público, soando como um “grafite” (Rookwood, 2003).

Pouco tempo após este ocorrido, clubes de *Rugby* superaram este obstáculo normativo e, lentamente, começaram a surgir (Sant’anna, 2010).

Em 1843 o Guy’s Hospital Club em Londres foi o primeiro a ser fundado. O próximo surgiu 11 anos mais tarde, em 1854, quando foi formado o Dublin University Rugby Football Club, hoje em dia denominado Trinity College na cidade de Dublin, Irlanda (IRE, 2009 citado por SANT’ANNA, 2010, p. 4).

³ A citação respeita a grafia utilizada no original.

Os primeiros clubes de *Rugby* surgiram na Inglaterra. Entretanto, foi apenas na segunda metade do século XIX que a modalidade começou a se difundir ao redor do mundo. Isto se deu através da mediação dos ex-alunos da *Rugby School*.

Naquela época, o jogo era chamado de “aquele jogado em *Rugby*” ou “jogo de *Rugby*”, por causa do nome da escola, local de sua origem. Depois, passou a ser conhecido apenas como “*Rugby*” (IRE, 2009 citado por SANT’ANNA, 2010).

Em 1845, a *Rugby Scholl* registrou as primeiras regras da modalidade esportiva. Correr com a bola nas mãos passou a ser aceito (Sant’Anna, 2010), marcando o início do *Rugby* moderno. Em 1871, clubes que seguiam essas regras fundaram a *Rugby Football Union*, separando, definitivamente, o *Rugby* do futebol (CBRu, 2025).

O *rugby* irá seguir o mesmo processo de normatização dos outros esportes, entre o fim do século XVII e XVIII. No seu caso específico, podemos rastrear sua origem na *Rugby School*, instituição pública de ensino da pequena cidade de *Rugby*, que fará as primeiras regras escritas do esporte em 1845. A dispersão dos ex-alunos da escola pela Inglaterra garantirá a expansão do esporte, com diversas equipes se formando já na década de 1850 (Gutierrez, 2016, p.22).

De acordo com a CBRu (2025) o *Rugby* passou de jogo escolar a esporte praticado por clubes em todo o Império Britânico. Desde então, o *Rugby* se difundiu por todo o mundo. Hoje, a *World Rugby* (Federação Internacional de *Rugby*) possui mais de 120 países membros e a modalidade é praticada por, pelo menos, 6,6 milhões de pessoas, sendo muito popular em países como Nova Zelândia, Austrália, África do Sul, França, Reino Unido e Argentina. Cabe destacar que a Argentina é o principal pólo da prática de *Rugby* da América do Sul.

Embora o *Rugby* tenha origem na Inglaterra, a Nova Zelândia é conhecida como o “país do *Rugby*” devido à sua paixão e sucesso no esporte, sendo o *Rugby* considerado como esporte nacional (CBRu, 2025; *World Rugby*, 2025).

O *Rugby* é uma modalidade esportiva presente nos Jogos Olímpicos da “Era Moderna”. Especificamente com a modalidade *Sevens*, isto é, uma versão reduzida da modalidade com, apenas, 7 jogadores por equipe ao contrário da tradicional que conta com um número de 15 jogadores (*World Rugby*, 2025).

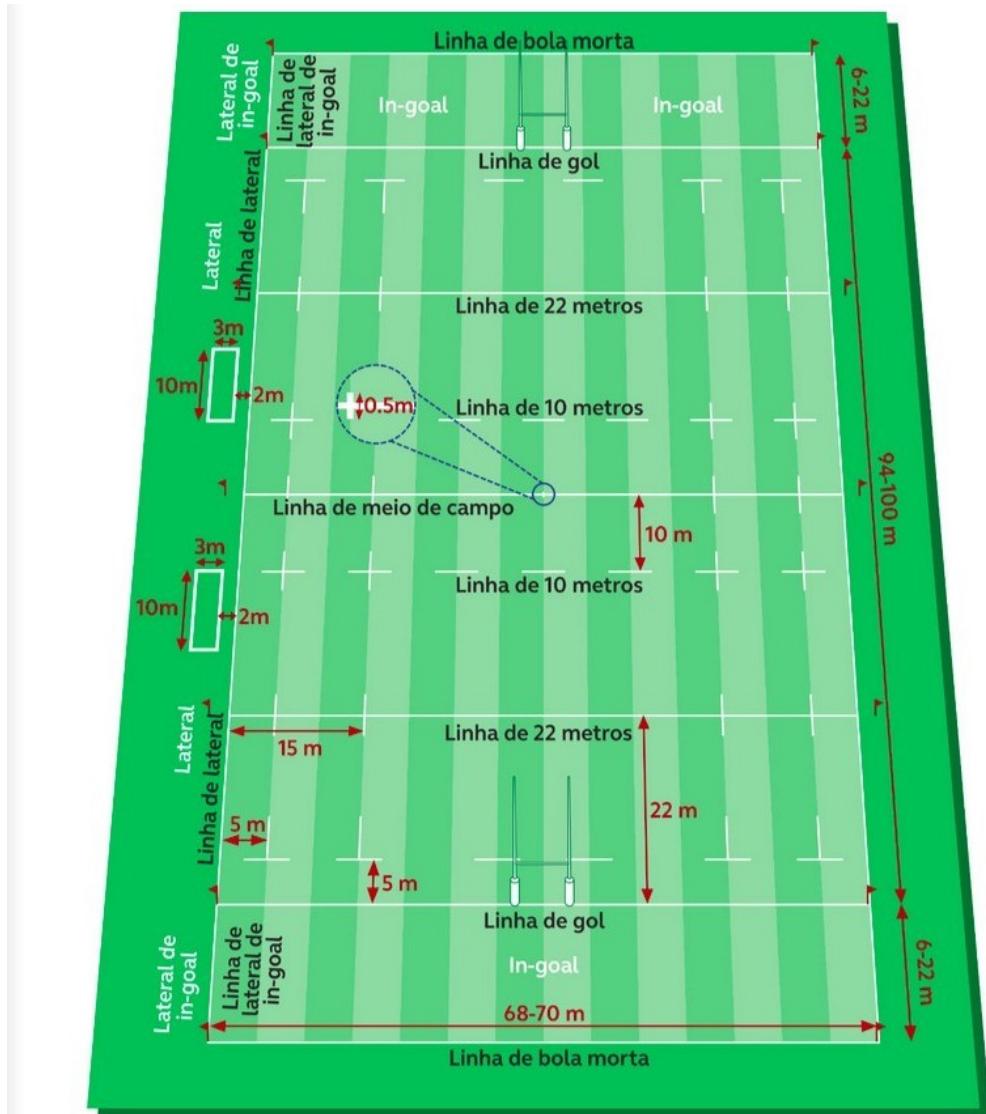
As principais competições da modalidade são: *Rugby Sevens* (Jogos Olímpicos) e a *World Rugby Cup* (copa do mundo de *Rugby*). Essas competições são organizadas e regidas pela *World Rugby* (*World Rugby*, 2025).

Em concordância com o *World Rugby* (2025), no que diz respeito às dimensões do jogo,

o comprimento do campo varia entre 94 e 100 metros e a largura entre 68 e 70 metros. O campo possui área retangular, similar a um campo de futebol, dividido em 3 setores: *Half-way line*; *Touchline* e *Touch-in-goal*.

O campo contempla dois postes, localizados um em cada lado na extensão de seu comprimento. Os postes são em formato de "H" com o travessão a 3 metros de altura em relação ao solo e as traves verticais distantes, entre si, 5,6 metros. A altura mínima das traves verticais é de 3,4 metros. A bola é oval e feita de quatro painéis, apresentando essas medidas: 28 centímetros de longo, 77 centímetros de perímetro, 66 centímetros em sua circunferência, com um peso de 400 gramas.

Figura 1: Campo de *Rugby* com suas marcações.



Fonte: *World Rugby*, 2025.

O jogo acontece em um período dividido em dois tempos de 40 minutos, com intervalo de 10 minutos entre eles. Conforme apontado por Mc Lean (1992 citado por Lopes et al., 2011) o objetivo principal do jogo é vencer a defesa adversária e apoiar a bola na extremidade final do campo, após os postes em “H”, a qual é denominada “*in-goal*”. Quando um atleta consegue completar a meta, marca um “*try*” para a sua equipe, o que remete a uma contabilização de cinco pontos.

As equipes são compostas por 15 jogadores. Estes são divididos em “*backs*” (sete jogadores) e “*forwards*” (oito jogadores), de acordo com a função que desempenham durante a partida (McLean, 1992 citado por Lopes et al., 2011). De acordo com Pinheiro et. al (2018) *backs* são mais rápidos, enquanto os *forwards* são mais fortes e robustos, adaptados ao jogo de contato.

O Rugby no Brasil: aspectos sobre sua inserção e desenvolvimento

Em concordância com Moura ([s.d.]), o *Rugby* foi introduzido no Brasil por trabalhadores/as e estudantes britânicos. Charles Miller teve papel importante na disseminação da modalidade em 1894 (GUTIERREZ, 2016), sendo também reconhecido por introduzir o futebol no país (CBRu, 2025).

Os primeiros clubes foram fundados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 1920, passaram a ser organizadas partidas estaduais e interestaduais, acompanhadas pela tradição do “Terceiro Tempo”. Uma confraternização entre as equipes após os jogos, que se mantém até os dias atuais (NOGUEIRA, 2007 apud MOURA, [s.d.]). Segundo Ciampolini, Nascimento e Milistetd (2022), a convivência nos clubes e a tradição do “terceiro tempo” atuam como espaços privilegiados de socialização, fortalecendo laços de amizade, ampliando redes de apoio e até mesmo possibilitando oportunidades profissionais, o que evidencia seu potencial para a formação cidadã.

De acordo com Gutierrez (2016), embora inicialmente o *Rugby* fosse restrito à comunidade britânica, esse movimento de organização de clubes e partidas contribuiu para que, na década de 1920, o *Rugby* começasse a ganhar alguma popularidade entre os paulistanos, especialmente na elite social. Tal fato culminou com a formação de equipes por clubes como o Clube Atlético Paulistano (1927), o Sport Clube Germânia (1934, atual Pinheiros) e a Faculdade de Direito da USP (1928).

Ainda segundo Gutierrez (2016), mesmo com esse crescimento e a criação de novas equipes, o *Rugby* permaneceu restrito a comunidades de imigrantes ingleses e a pequenos grupos da elite brasileira. Delimitação esta que integrhou o conjunto de práticas esportivas da sociedade britânica no país, ao lado do remo e do futebol (Melo e Gonçalves, 2019).

Um fato desconhecido por muitos é que tanto o *Rugby*, durante a Revolução Industrial, quanto o futebol, foram introduzidos concomitantemente no Brasil em 1894. Mas, por razões diversas, somente o futebol virou a ‘paixão nacional’ brasileira (Gavazza, 2014).

Todavia, em concordância, com Melo e Gonçalves (2019), o *Rugby* também passou a ter a sua prática difundida. Um fator que parece ter influenciado sua configuração no Brasil foi o desejo de praticar simultaneamente as duas versões do futebol: a jogada apenas com os pés (*Association*) e a que combina o uso de pés e mãos (*Rugby*).

Segundo Gavazza (2014), o futebol conquistou maior popularidade por sua liberdade de expressão, evidenciada no passe, no drible e na finalização. Esse processo foi favorecido pela profissionalização do esporte a partir de 1930, enquanto o *Rugby* manteve-se atrelado ao amadorismo, marcado pelo dilema do “jogar por prazer”.

Por vezes, quando um jogador de futebol exibia uma conduta considerada “mais agressiva”, era tido como praticante de *Rugby* (Melo e Gonçalves, 2019).

Uma certa interpretação dessas ideias, corrente no Brasil, ajuda a entender a pouca receptividade do rúgbi no período investigado. Segundo os discursos que foram se conformando, era considerado demasiado agressivo e, por isso, menos civilizado, mesmo sendo uma modalidade muito apreciada por uma sociedade exemplarmente moderna, a britânica (Melo e Gonçalves, 2019, p.6).

Gutierrez (2016) argumenta que esse cenário começou a mudar drasticamente com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que interrompeu o processo de consolidação e encerrou o prestígio que o esporte começava a conquistar no Brasil.

Segundo Gutierrez (2016), a Segunda Guerra Mundial levou os clubes ingleses no Brasil a suspenderem suas atividades, fazendo com que o *Rugby* praticamente desaparecesse, entre 1940 e 1947. O fim do conflito agravou a situação, já que a influência britânica no país diminuiu e, com ela, a presença de praticantes experientes.

De forma gradativa, o *Rugby* foi reconquistando espaço em território nacional, mas a ausência de categorias de base seguiu (e segue!) como obstáculo à sua consolidação (GAVAZZA, 2014).

Apenas no final dos anos 1950 a modalidade esportiva começou a se reorganizar, com a criação da União de *Rugby* do Brasil (URB), formada por quatro clubes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1972, a URB filiou-se à Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e passou a se chamar Associação Brasileira de *Rugby* (ABR), o que trouxe mais visibilidade, apoio financeiro e crescimento para a modalidade. Posteriormente, a entidade adotou o nome Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu), em alinhamento ao Comitê Olímpico Brasileiro (Gutierrez, 2016).

O *Rugby* masculino no Brasil apresenta um cenário diversificado, com equipes atuando em diferentes formatos. A Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu) promove competições como o Campeonato Brasileiro de *Rugby* e o Brasil *Sevens*, reunindo mais de 300 clubes registrados em todo o país, o que evidencia a crescente popularidade da modalidade. Atualmente, a seleção masculina, conhecida como os “Tupis”, concentra seus esforços nas eliminatórias para a Copa do Mundo de *Rugby* de 2027 (CBRu, 2025).

Já o *Rugby* feminino no Brasil foi marcado por processos de silenciamento e invisibilidade, semelhantes ao que ocorre em outros modalidades historicamente associadas ao universo cultural masculino. Almeida (2008) aponta a escassez de registros acadêmicos e oficiais sobre a modalidade praticada por mulheres, revelando que a memória institucional do esporte prioriza apenas o percurso masculino.

Ainda, segundo Almeida (2008), essa ausência de dados históricos reforça a condição de marginalidade do *Rugby* feminino, cuja inserção no cenário esportivo nacional aparece apenas em registros recentes, sobretudo a partir de 1996/1997. Momento em que competições entre equipes femininas começaram a ser organizadas em clubes já estruturados para o masculino. Em acréscimo não há um clube pioneiro específico mencionado.

O esporte, assim como outros tantos temas abordados academicamente, em sua forma ampla de análises, continuamente foi, e, é relativizado como masculino, branco, heterossexual. De diversas maneiras, atitudes, ambientes, contextos, as mulheres fizeram e fazem-se presentes no esporte. É possível afirmar que atualmente elas estão inseridas em praticamente todas as modalidades e práticas esportivas, mas, muitas das representações e discursos que buscavam restringir seus ‘lugares’ no esporte, ainda produzem efeitos nas mulheres esportistas (Almeida, 2008, p. 32)⁴.

Assim, a narrativa não só descreve a falta de informações, mas também denuncia a desigualdade de visibilidade entre gêneros e a necessidade de valorizar as vozes e experiências das próprias praticantes como fonte de reconstrução dessa história.

⁴ A citação respeita a grafia utilizada no original.

Este, fato pode ser correlacionado com a baixa adesão das mulheres as modalidades esportivas em geral. Caracterizando-se como contrário à sua natureza. E as que se arriscam a praticar tem a sua sexualidade questionada, exemplificando, são consideradas "macho fêmea".

O cenário atual do *Rugby* feminino no Brasil apresenta um crescimento e profissionalização. Com destaque para a seleção Brasileira, que tem conquistado resultados expressivos e se consolidado no cenário internacional. Fato que ficou evidenciado em 2024 com participação inédita na copa do mundo de *Rugby XV* (CBRu, 2025).

Para além das discussões sobre a origem e desenvolvimento da modalidade, bem como as intersecções que sua história estabelece com as relações de gênero, a prática do *Rugby* gera benefícios para a manutenção da saúde. De acordo com a *World Rugby* (2025) os benefícios para saúde são muito variados e, no nível mais básico, o *Rugby* é uma ótima maneira de aumentar o tempo dedicado às atividades físicas.

A prática do *Rugby* apresenta benefícios que transcendem o campo físico, estendendo-se às dimensões sociais e culturais. Do ponto de vista corporal (capacidades físicas), a modalidade contribui para o desenvolvimento da velocidade, agilidade e força. Além da disciplina e do controle emocional, ao demandar preparo físico e capacidade de lidar com situações de alta intensidade. No âmbito sociocultural, o *Rugby* estimula valores como respeito, solidariedade, paixão e trabalho em equipe, além de favorecer a inclusão de diferentes biotipos e perfis de jogadores (Findlay, 1902; *World Rugby*, 2025).

O Rugby como conteúdo da Educação Física Escolar

No que se refere ao trabalho pedagógico junto à Educação Física Escolar (EFE), é sabido que o Esporte é um dos conteúdos curriculares a ser ensinado nas aulas desse componente curricular na educação básica. Não raro, quando de seu ensino, como destacado por Bracht (2013), apenas modalidades clássicas ganham visibilidade. Tradicionalmente o ensino dos conteúdos na EFE são transmitidos a partir da divisão do ano em quatro bimestres, sendo que a cada um deles é alocado as seguintes modalidades: (futebol, basquetebol, voleibol e handebol).

Considerando que, para além do chamado “quarteto fantástico”, há um amplo universo de modalidades esportivas, observa-se que as aulas de Educação Física têm enfrentado índices de evasão (não participação dos/as estudantes nas aulas de EFE), em grande parte porque o conteúdo desenvolvido, nem sempre, corresponde às expectativas dos/as estudantes, por meio

de aulas desestimulantes e extremamente repetitivas (Santos, 2021). Não negando o ensino dessas modalidades, mas defendendo a ampliação de práticas motoras ligadas ao Esporte, o *Rugby* poderia ser inserido nas aulas de EFE.

Mello e Pinheiro (2015) relatam uma experiência pedagógica de inserção do *Rugby* nas aulas de Educação Física em uma escola pública de ensino médio, desenvolvida no município de Uruguaiana/RS. Estruturada em progressão do simples ao complexo e com atividades teóricas e práticas. Os resultados demonstraram contribuições para o desenvolvimento motor, cognitivo e atitudinal dos alunos, além do potencial inclusivo da modalidade. Conclui-se que o *Rugby*, quando trabalhado pedagogicamente, enriquece a EFE, amplia a diversidade de conteúdos e fortalece valores éticos e sociais.

O estudo de Pinheiro et al. (2021) relata a inserção do *Rugby* no contexto escolar de Pelotas/RS por meio do projeto *Rugby Tag nas Escolas* (2015–2017), que formou 102 professores e alcançou milhares de alunos/as em aulas e festivais. Os resultados evidenciaram o potencial inclusivo e educativo da modalidade, apesar de resistências e limitações relacionadas à representação da prática como violenta e falta de espaços adequados. Entretanto, o estudo destaca que o *Rugby* pode diversificar o currículo da Educação Física, ampliar experiências e valores sociais, além de reforçar a importância da formação continuada docente para sua consolidação.

Penny et al. (2023) descreve a inserção do *Rugby Tag* nas aulas de Educação Física Escolar da cidade de Pelotas/RS, através de um curso de formação continuada para a modalidade esportiva *Rugby*, que contou com a participação de 13 professores. Os resultados apresentam a importância do *Rugby* no ambiente escolar, proporcionando atividades diferenciadas que colaboram para manter os/as alunos/as motivados durante as aulas. A formação continuada superou as expectativas, propiciando uma "inovação pedagógica", tornando-se significativa. Conclui-se que o projeto de formação continuada de professores atingiu seus objetivos, gerando uma aproximação entre a Universidade e a escola (teoria e prática); proporcionando para os professores estratégias para diversificar suas atividades desenvolvidas na escola, sendo o *Rugby Tag* uma alternativa.

Os três artigos analisados apresentam o *Rugby* como uma alternativa pedagógica para as aulas de EFE, contribuindo para a diversificação de conteúdos que, muitas vezes, se restringem a modalidades tradicionais e repetitivas, limitando o desenvolvimento motor e o engajamento dos/as estudantes. A introdução do *Rugby* possibilita ampliar experiências

corporais e superar a centralidade em esportes nos quais os alunos já possuem domínio técnico ou afinidade, o que pode evitar o desinteresse por novas práticas.

Além disso, os valores que fundamentam a modalidade, como respeito, solidariedade, disciplina e cooperação tornam-se elementos determinantes para sua inserção no contexto escolar, uma vez que favorecem a formação integral do cidadão.

Caracterização Metodológica

A escrita deste artigo utilizou o gênero textual relato de experiência, por meio de abordagem qualitativa como método. Essa abordagem preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Abordagem qualitativa:

(...) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001 *apud* Gerhardt e Silveira, 2009, p. 4).

Já o relato de experiência se caracteriza por uma narração detalhada de experiências vividas, logo o assunto é abordado sob o ponto de vista de quem o relata (narrador) (Unifacisa, 2019, p. 1).

Sobre a perspectiva metodológica é uma forma de narrativa, de modo que o autor quando narra através da escrita está expressando um acontecimento vivido. Neste sentido, o Relato de Experiência é um conhecimento que se transmite com aporte científico. Por isso, o texto deve ser produzido na 1^a pessoa de forma subjetiva e detalhada. (Grollums e Tarrés, 2015, *apud* Unifacisa, 2019, p. 1).

A partir da abordagem e da técnica metodológica adotadas, a experiência com a prática do *Rugby* vivenciada na disciplina EC foi submetida a uma análise crítica no intuito de refletir sobre suas contribuições para a formação inicial de professores/as de educação física. Para apresentar uma descrição da estrutura se faz jus entender a organização atual do curso de graduação em Educação Física grau Licenciatura (EFL) da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU).

No momento presente temos em vigência três modalidades de cursos: Educação Física grau Licenciatura, Educação Física grau Bacharelado e o curso que contempla o currículo atual de formação. Este prevê uma entrada única para Educação Física sendo que ao final do 4º período de formação o/a discente opta pela habilitação desejada (Bacharelado ou Licenciatura),

cursando disciplinas do núcleo específico de formação.

O curso de graduação EFL da FAEFI/UFU possui 3.215 horas distribuídas em 8 semestres letivos (FAEFI, 2018, p. 43). Essa carga horária está disseminada em núcleos de formação, sendo eles: Núcleo I – estudos de formação geral, das áreas específicas e interdisciplinares, e do campo educacional; Núcleo II – aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional; Núcleo III – estudos integradores para o enriquecimento curricular.

O núcleo I e II contemplam todas as disciplinas obrigatórias, estágio supervisionado, prática como componente curricular (Prointer I ao V) e trabalho de conclusão de curso (TCC I e II), totalizando uma carga horária de 2.775 horas. Destas, 405 horas são de Estágios Supervisionados Obrigatórios (I, II e III)⁵. Já o núcleo III – é constituído de 200 horas de atividades extracurriculares⁶.

O curso conta, ainda, com uma carga horária de 240 horas para disciplinas optativas gerais específicas da habilitação em licenciatura, pertencentes a qualquer núcleo de formação, com uma carga horária de 60 horas cada, sendo elas: duas do curso de Licenciatura (somando 120 horas) e duas de outros cursos, quaisquer que sejam (reunindo 120 horas).

Dessa maneira, a opção por cursar a disciplina de EC se deu, exclusivamente, por ser uma das únicas possibilidades de componente curricular ofertado para o segundo semestre de 2024 e que seria necessário para cumprir as 240 horas regimentais de disciplinas optativas para a conclusão da formação inicial, ainda durante o segundo semestre acadêmico de 2024⁷.

As aulas da disciplina foram desenvolvidas em parceria com instituições e espaços externos à universidade, tais como: sede do 5º Batalhão de Bombeiros Militar de Uberlândia-MG, projetos sociais e parque público com espaços para a prática de modalidades esportivas e demais atividades físicas (Parque do Sabiá). Cabe destacar que a maior parte das aulas, que se caracterizaram por vivência em modalidades esportivas diferenciadas, foram ministradas por profissionais especialistas, convidados para contribuírem com o processo de formação dos/das graduandos/as.

⁵ Os Estágios Supervisionados estão divididos de acordo com as etapas da Educação Básica. Estágio I (Educação Infantil); Estágio II (Ensino Fundamental) e Estágio III (Ensino Médio).

⁶ As atividades complementares são propostas para o enriquecimento curricular, formada por práticas, acadêmicas, culturais, artísticas, científicas ou tecnológicas para complementação da graduação inicial. Dentre elas: monitoria; representação estudantil; cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC); publicação de resumos em anais: regionais, nacionais e internacionais; participação em eventos científicos etc.

⁷ Vale ressaltar que o calendário acadêmico da UFU não está atualizado e se encontra em descompasso com o calendário civil por conta da pandemia. Nesse sentido, as atividades vivenciadas na disciplina EC foram desenvolvidas entre dezembro de 2024 e maio de 2025, configurando o segundo semestre letivo do calendário acadêmico de 2024.

O componente curricular foi ofertado para abordar modalidades esportivas com menor evidência durante o processo de formação, para ampliar o repertório de conteúdos sobre as práticas corporais da área de Educação Física dos/as até então graduandos/as e futuros profissionais, com ênfase na atuação na Educação Básica.

De acordo com FAEFI (2018), O egresso da FAEFI/UFU será um profissional íntegro, com sólida formação acadêmica e técnica, capaz de atuar de maneira analítica e versátil em contextos pedagógicos e comunitários. Sua formação prepara-o para intervir no mundo por meio da escola, valorizando manifestações culturais diversas (como jogos, brincadeiras, danças, esportes e lutas) e considerando os diferentes contextos sociais. Além disso, deverá ser capaz de planejar, executar e avaliar o ensino e projetos educativos no ambiente escolar.

O presente curso, amparado nos aspectos legais normativos que tratam da formação profissional específica do curso de Educação Física e que regem a formação de professores no Brasil, oferecerá ao/à egresso/a uma formação generalista, científica, humanista, crítica e reflexiva, capacitando-o/a para atuação nos campos de conhecimento que integram a Educação Física. (FAEFI, 2018, p. 40).

Posto isto, apresentarei a estrutura da disciplina EC a partir da estrutura de seu plano de ensino. Cabe destacar que a proposta presente no mesmo foi, previamente, apresentada aos discentes e aprovada coletivamente antes de ser implementada.

Figura 2: Cronogramada da disciplina Esportes Complementares

Semana	Conteúdo
10/12/24	Apresentação do docente; Mapeamento conceitual da turma; Apresentação do componente curricular, Plano de Ensino; Critérios para a avaliação de desempenho, controle de frequência.
17/12/24	Esporte: história e classificação Texto base: GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; MOTA E SILVA, E. V. Esporte. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 176-198.
04/02/25	(Turma I) Escalada e Rapel – 5º Batalhão de Bombeiro Militar Texto base: PAIXÃO, J. A.; SILVA, M. P. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. Psicologia & Sociedade , n. 29, p. 1-10, 2017.
11/02/25	(Turma II) Escalada e Rapel – 5º Batalhão de Bombeiro Militar
18/02/25	Breaking – Aula no G1
25/02/25	AULA REMARCADA PARA 29/04/25 Breaking – Aula no G1
11/03/25	Capoeira Angola – Aula no G1
18/03/25	AULA REMARCADA PARA 25/03/25 Capoeira Angola – Aula no G1 Entrega do trabalho sobre a minissérie “Senna” (Netflix, 2024) PRORROGADO PARA O DIA 25/03/2025
25/03/25	Avaliação 1 (8:00 às 9:40 horas) Tolerância para atrasos: 10 minutos. Início da Avaliação: 8:10 (Não será permitida a entrada na sala após às 8:10) Vista da Avaliação 9:40 às 10:00 horas 10:00 às 11:30 – Capoeira
01/04/25	Modalidades de Areia Aula Parque do Sabiá – Entrada Tíbery (Av. Haia S/N, Tíbery)
	 Apresentação Artigos (8:00-8:30): Texto base: BURKO, L. D.; GRUPPI, D. R. Beach Tennis, fenômeno na areia: revisão rápida de literatura. Revista da ALESDE , v. 15, n. 2, p.85-99, 2023. Texto base: GALLEP, C. M. A Capoeira Angola Diversificando a Universidade: semeando ecologia de saberes nas Artes da Cena. Revista Brasileira de Estudos da Presença , v. 12, p. 1-26, 2022.
08/04/25	Rugby (Campo de Futebol) Apresentação Artigo (8:00-8:00): Texto base: PINHEIRO, E. dos S. et al. Rugby in physical education: from teacher training to interschool festivals. J. Phys. Educ. , v. 32, e3250, 2021.
15/04/25	Natação Aula na piscina semi-olímpica Apresentação Artigo (8:00-8:30): Texto base: SANTOS, D. S. dos. Natação e questões étnico-raciais: representações midiáticas. Movimento , Porto Alegre, v. 26, p. 1-15, 2020.
22/04/25	Jiu-Jitsu Academia Winner's Gym Av. Belarmino Cotta Pacheco nº 817, Santa Mônica Apresentação Artigo (8:00-8:30): Texto base: LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. Revista Brasileira de Ciências do Esporte , n. 40, p. 318-324, 2018.
29/04/25	Avaliação 2 (Trabalho Google Forms para finalização até 23:59) Aula Breaking (Reposição) 8:00 às 11:00 Local: Projeto Sementes do Amanhã R. Quintino Bocaiúva, 2979 - Lagoinha Apresentação Artigo (11:00): Texto base: SOARES, F. S. A Dança Break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. Motriz , Rio Claro, v. 13 n. 1 p.24-32, jan./mar. 2007.
06/05/25	Vista de Avaliação (8:00 às 8:50) Avaliação de Recuperação (todo o conteúdo ministrado no semestre) (8:50 – 09:40 horas) Lançamento de Notas
13/05/25	

Fonte: FAEFI, 2024.

Como pode ser visualizado na figura 1, a disciplina foi composta em 15 encontros. As aulas foram ministradas as terças-feiras, das 08:00 às 11:30 horas, totalizando 60 horas de atividades. As modalidades vivenciadas na disciplina foram: *breaking*, capoeira angola,

modalidades de areia (futevôlei), *Rugby*, natação e *jiu-jitsu*.

Para cada modalidade vivenciada foi proposto a leitura de um artigo científico para fundamentar, teórico-metodologicamente o conhecimento adquirido. Vale ressaltar que o sistema de avaliação do componente curricular foi composto por dois questionários sobre os conteúdos abordados e um trabalho em grupo sobre a minissérie Senna (*Netflix*, 2024). Como recurso didático utilizado pelo professor responsável pela disciplina, a cada nova modalidade vivenciada um grupo de estudantes do curso ficou encarregado de estruturar uma apresentação sobre o artigo científico indicado para a temática e especificado no plano de ensino.

A vivência na modalidade *Rugby* foi implementada no dia 08/04/2024 no campo de futebol da FAEFI/UFU. A prática foi mediada por um discente do curso de EFL, com experiência na modalidade, por ser no momento das atividades desenvolvidas, atleta de um time de *Rugby* sediado no município de Uberlândia-MG. Cabe destacar que a aula contou com apresentação de alguns equipamentos oficiais para a prática, a saber: 3 bolas tamanho (5) e um *pad* (almofada utilizada para proteção).

A disciplina teve um total de 34 alunos matriculados, 10 faltaram. Através dos registros da vivência apenas 15 alunos participam da prática de ambos os gêneros, com uma média de idade de 23 anos. Como se tratou de uma disciplina optativa, a turma foi formada por graduandos/as de diferentes turmas, ou seja, cuja matrícula no curso se deu em anos/semestres distintos.

Neste sentido, como objetivo principal do relato de experiência, apresentarei minhas percepções a partir da experimentação e estudo da modalidade de *Rugby*, como conteúdo da disciplina de EC para problematizar suas contribuições para a formação em EFL. Para encerrar esta seção destaco que minha escolha por relatar a experiência formativa na modalidade em tela se deu por integrar o grupo responsável pela apresentação do artigo sobre o *Rugby*.

Resultados e Discussão

A prática do *Rugby* aconteceu no dia 08/04/2025, no campo de futebol da FAEFI/UFU. Teve início às 09:10 horas, encerrando às 10:30 horas. A disciplina contabilizou um total de 34 alunos matriculados, de ambos os gêneros, com média de idade de 23 anos. Todavia, durante o desenvolvimento da aula de *Rugby* 10 não compareceram. Através dos registros da vivência, por meio de fotografias e vídeos gravados durante a prática, apenas 15 alunos participam efetivamente das atividades propostas.

A aula foi conduzida por um discente do curso de graduação EFL, com experiência na

modalidade. No que diz respeito à vivência, ao todo, foram executados quatro exercícios e no final da prática, o jogo coletivo. Inicialmente o regente realizou uma breve explicação sobre a organização do jogo, abordando as regras básicas para a prática; descreveu o porte físico dos jogadores (diferença entre *Blacks* e *forwards*). Como já citado no referencial teórico deste artigo, Pinheiro et. al (2018) destacam que *backs* são mais rápidos, enquanto os *forwards* são mais fortes e robustos, adaptados ao jogo de contato.

Em um primeiro momento efetuamos a "corrida do passe" assim intitulada, que ocorreu da seguinte maneira: em fila Indiana os alunos tinham que correr em volta do campo de futebol. O primeiro da fila realizava um passe para o último da fila que ao receber essa bola tinha que correr até ultrapassar o primeiro da fila. Ao todo realizamos 2 voltas no campo.

Em seguida, praticamos passes, em um formato de círculo, dando ênfase para os fundamentos técnicos do passe e recepção, aumentando a distância dos passes, gradativamente. Vale ressaltar que os passes foram realizados para os dois lados (direita e esquerda) em adição, fizemos uma variação com mais de uma bola ao mesmo tempo, o que acelerava a execução.

O terceiro exercício foi uma linha de ataque, atentando para uma das regras da modalidade. O passe apenas poderia ser executado para o lado ou para trás.

A dinâmica ocorreu com a formação de três filas. O primeiro atleta saia de uma das filas da extremidade, com a posse da bola se adiantava (corria para frente) e realizava o passe para o companheiro que estava posicionado na fila central. Este se adiantava e realizava um passe para o companheiro da outra extremidade. O discente propôs algumas modificações na prática, exemplificando: aumento da distância dos passes e distância total percorrida, progressivamente.

Posteriormente, executamos o movimento do “*Tackle*”. O *tackle* é uma ação defensiva essencial no *Rugby* para impedir o avanço do adversário e disputar a posse de bola. Como é responsável por grande parte das lesões, sua execução segura e correta é fundamental, exigindo prática, técnica adequada e arbitragem atenta para garantir um jogo mais seguro e eficaz (*World Rugby*, 2025).

Segundo a *World Rugby* (2025) um *tackle* ocorre quando o portador da bola é agarrado por um ou mais oponentes e levado ao solo. Possuindo técnicas diferentes de realizá-lo, exemplificando: *Tackle* com o ombro de frente (o mais utilizado e que foi experimentado na prática); *Tackle* com o ombro de lado; *Tackle* sufocante; *Tackle* com toque; *Tackles* envolvendo mais de um *tackleador*; *Tackle* de costas e o *Tackle* de forma perigosa.

A princípio segurando a *pad* (almofada utilizada para diminuir o impacto) na altura dos ombros, apenas para conseguirmos entender como funciona o movimento. Depois, efetuamos o

movimento de *tackle* completo, com as *pads* posicionadas no chão para o amortecimento da queda.

Por fim, realizamos um jogo coletivo da modalidade de *Rugby* com algumas adaptações, são elas: número reduzido de atletas (5x5) e ao invés de realizarmos o movimento de *tackle* para interromper a corrida do nosso adversário deveríamos tocar no seu quadril. Efetuando um (*touch*). De acordo com Caparroz (1997), a idealização da EFE se desenvolve a partir de estruturas macrossociais, vinculadas à classe social hegemônica. Em outras palavras, ela se constrói por meio da reprodução de comportamentos, percepções e ideias já presentes na sociedade, no caso da EFE, sobretudo a reprodução de práticas corporais, em especial das modalidades esportivas.

No entanto, quando se limita à simples reprodução do esporte, observa-se um processo de seleção, privilegiando os mais habilidosos, e de segregação, marginalizando os menos habilidosos. Por isso, não se trata apenas de fazer o esporte “na escola”, mas de construir o “esporte da escola”: um esporte ressignificado, adaptado, capaz de incluir a todos/as e de favorecer experiências que possibilitem a problematização crítica dessa prática (Caparroz, 1997).

A experiência com a modalidade foi muito enriquecedora, pois expandiu o meu campo de percepções e pensamentos para a minha futura prática pedagógica na escola. Reforçando algo que foi muito trabalho ao longo de toda a graduação, que é o não ser refém das circunstâncias, mas buscar ao máximo fazer adaptações nas modalidades para que elas possam ser desenvolvidas dentro do ambiente escolar, ampliando a prática corporal dos/as estudantes.

Nesse mesmo sentido, a análise das escolhas de conteúdo realizadas pelos/as professores/as, como apontam Perreira, Silva e Lurdoff (2022), também evidencia que a seleção das práticas não é aleatória ou neutra. Pelo contrário, ela reflete histórias de vida, crenças, experiências na graduação e vivências corporais que influenciam diretamente o modo como cada docente organiza o ensino. Assim, a definição de conteúdo envolve interesses e valores que, muitas vezes, se conectam às adaptações e alternativas necessárias para enriquecer o repertório dos/as alunos/as.

Além de valorizar a Cultura Corporal de Movimento (CCM) em suas diferentes manifestações, experienciar práticas diferenciadas durante a formação inicial de professores/as também fortalece a concretização dos objetivos da Educação e da Educação física no contexto da Educação Básica. Por possibilitar aprendizados para além da dimensão conceitual, a prática

permite compreender as relações entre conteúdo, ensino, aprendizagem em uma perspectiva global, favorecendo a formação integral do/a educando/a.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDBEN), em seu artigo 22, traz que a educação básica tem por finalidades o pleno desenvolvimento do educando; assegurar-lhe a formação para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (Brasil, 1996).

No que diz respeito à Educação Física (EF), a LDBEN aponta que a EF está integrada na proposta pedagógica da escola, caracterizada como componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às modalidades da Educação.

Contudo, a Lei (12.796 de 2013) no art. 26, prevê a necessidade de uma base nacional comum para a Educação Básica (Brasil, 2013). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz normativas sobre como a implementação da Educação e práticas pedagógicas no ambiente escolar (Brasil, 2018). O documento defende, de forma mais específica que a LDBEN, que existem:

Maneiras diferentes e intercambiáveis para designar algo comum, ou seja, aquilo que os estudantes devem aprender na Educação Básica, o que inclui tanto os saberes quanto a capacidade de mobilizá-los e aplicá-los (Brasil, 2018, p. 10).

Em concordância com a BNCC, a EF se encontra na área de Linguagens, e estuda a CCM, sendo esta abordada nas aulas por meio das práticas corporais apresentada como um conjunto de movimentos produzidos socioculturalmente. Desse modo, a CCM é compreendida como manifestações das possibilidades dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. A BNCC, então, prescreve o foco da atuação escolar para a área.

O ensino do esporte, por meio de suas diferentes modalidades, que configura como uma das manifestações culturais da EF que deve ser ensinado na Educação Básica. Entretanto, cabe destacar que o objetivo da Educação Física escolar é o incentivo à prática esportiva e não a formação de atletas! Como nos alertou Caparroz (1997), que na condição de professores/as, é preciso atuar em prol do **ESPORTE DA ESCOLA**, e não do **ESPORTE NA ESCOLA**, ou seja, pensar no ensino das modalidades esportivas com foco nos objetivos pedagógicos da Educação e não do rendimento Atlético.

Para que isso seja efetivado se faz necessário com que durante a formação inicial licenciandos/as em EF possam estudar, conhecer e problematizar as possibilidades pedagógicas para o ensino das modalidades esportivas, dentre elas, o *Rugby* com base em perspectivas

teórico-metodológicas críticas. Faz-se necessário também com que durante a graduação no curso de licenciatura os/as estudantes tenham a possibilidade de vivenciar práticas corporais não consideradas como tradicionais para o ensino do esporte na escola.

Essas questões dialogam com o que trazem Perreira, Silva e Lurdo (2022), ao afirmarem que as vivências esportivas moldam a trajetória dos/as professores/as, desde a escolha pelo curso até sua formação profissional. As experiências anteriores estão diretamente relacionadas às decisões pedagógicas e influenciam a prática docente de forma significativa.

Santos (2003) também destaca que nossas vivências e práticas passadas continuam presentes em nosso fazer atual, revelando as histórias que moldaram nosso percurso, até o presente momento. Nesse sentido, o tornar-se professor/a é um processo contínuo, construído ao longo do tempo por meio das experiências e da constante reflexão.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo refletir sobre a vivência da modalidade esportiva *Rugby* no contexto da formação inicial em Educação Física (EF), especificamente nas aulas de “Esportes Complementares”. As indagações surgidas ao longo da elaboração relacionadas à influência das experiências esportivas na escolha profissional, à importância de manter-se ativo nessas práticas e ao impacto das vivências pessoais na futura atuação docente, reforçam a necessidade de compreender a EF como espaço de construção de significados, identidade e prática pedagógica.

Ao longo da minha trajetória acadêmica e, principalmente, durante os estágios supervisionados, pude identificar uma desmotivação por parte dos/as professores/as de EF. Diversos fatores contribuem para isso, como estrutura precária, falta de materiais e número elevado de alunos/as. No entanto, é importante questionar: essa desmotivação se deve apenas a essas dificuldades? Ou a afinidade com determinados esportes ou ao comodismo?

Constatou-se que o *Rugby*, enquanto prática pedagógica adaptada ao ambiente escolar, pode contribuir para superar parte dos desafios enfrentados atualmente pela EF, como a evasão discente (Alunos que não participam efetivamente das aulas de EFE) e a limitação de conteúdos tradicionalmente ofertados. Principalmente no que diz respeito de modalidades esportivas que frequentemente se centraliza no basquetebol, futsal, handebol e voleibol. Na maioria dos casos essa vivência acontece de forma a-histórica. Ao relacionar aspectos históricos, normas e regras da modalidade, o/a professor/a amplia o engajamento dos/as estudantes, tornando a prática mais significativa e inclusiva.

A experiência adquirida neste estudo possibilita refletir sobre diferentes estratégias para a inserção do *Rugby* nas aulas de Educação Física Escolar. Uma alternativa viável é o *Tag Rugby*, modalidade adaptada que preserva a essência do jogo e facilita sua aplicação no contexto escolar. Outra possibilidade, conforme vivenciado nesta pesquisa, consiste em adaptações do próprio *Tag Rugby*, ajustadas às condições e necessidades da escola.

Além disso, destaca-se a relevância de estabelecer parcerias com praticantes da modalidade, seja por meio de palestras, aulas compartilhadas ou visitas a espaços específicos de prática, ampliando as oportunidades de interação e aprendizado para além do modelo tradicional de ensino dos esportes.

Assim, a defesa do rugby como opção para as aulas de Educação Física Escolar não se restringe à introdução de uma nova modalidade esportiva, mas se articula à valorização da diversidade da cultura corporal de movimento, ao estímulo da participação ativa e ao fortalecimento da formação integral. Nesse sentido, esta pesquisa se mostra relevante não apenas para ampliar o repertório de práticas pedagógicas, mas também para incentivar novas investigações que aprofundem o papel da inovação no ensino da Educação Física.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. **Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre.** Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14068>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. Brasília: **Em Aberto**: INEP – Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 26, n. 89, p. 131-143, 2013. Doi: 10.24109/2176-6673. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2736/2474>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BRASIL. **Lei 12.796 art. 26, de 4 de abril de 2013.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasil: Presidência da república: casa civil, [2013]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/lei/l12796.htm. Acesso em: 29 ago. 2025.

BRASIL. **Lei 9.394 art. 22, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil: Presidência da república: casa civil, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 29 ago. 2025.

BRASIL. Ministério das Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, MEC, 2018.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola:** Educação Física como componente curricular. Vitória: UFES- Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CIAMPOLINI, Vitor; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; MILISTETD, Michel. O potencial do rugby para o desenvolvimento de habilidades para a vida. Goiânia: **Revista Pensar a Prática**, v. 25, p. e72153, 2022. DOI 10.5216/rpp. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/72153/38657>. Acesso em: 15 ago. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. **História do Rugby**. Disponível em: <https://brasilrugby.com.br/historia-do-rugby/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

FINDLAY, Joseph John (Ed.). **Arnold of Rugby**. London: Edward Arnold, 1902.

GAVAZZA, Carla Carolina Nico. **O ensino do rugby no “país do futebol”**. Vitória. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/carla_carolina_nico_gavazza_o_ensino_do_rugby_no_pais_do_futebol.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: **Editora UFRGS**: 1ª edição, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 3 jul. 2025.

GUTIERREZ, Diego Monteiro. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-18082016-170712/publico/rugby.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

MELLO, Júlio Brugnara de; PINHEIRO, Eraldo dos Santos. O rugby na Educação Física escolar: relato de uma prática. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 1, p. 72-79, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274633722_O_RUGBY_NA_EDUCACAO_FiSICA_ESCOLAR_RELATO_DE_UMA_PRATICA. Acesso em: 19 ago. 2025.

MELO, Victor Andrade de; GONÇALVES, Michelle Carreirão. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX. Porto Alegre: **Movimento**, v. 25, p. e25003, 2019. Doi:10.22456/1982-8918.79984. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/zDQjsbBXTfZkngbSbtFdsZH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MOURA, Giovanna Xavier de. **Retrospectiva histórica da expansão do rugby: do mundo a Maringá**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, ([s.d.]). Disponível em: <http://eventos.uem.br>. Acesso em: 1 ago. 2025.

NETFLIX. **Senna**. Netflix, 2024. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81206957?trackId=268410292>. Acesso em: 10 jul. 2015.

PENNY, Joubert Caldeira. et al. O rugby tag na educação física escolar: contribuições de uma formação. Rio Claro: **Revista Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e02, 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s15587. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15587>. Acesso em: 14 nov. 2025.

PINHEIRO, Eraldo dos Santos. et al. Rugby na educação física: da formação de professores aos festivais interescolares. Pelotas: **Revista de Educação Física**, v. 32, e3250, 2021.

Doi:10.4025/jphyseduc.v32i1.3250 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jpe/a/9zyWZX9x5KQLJzkzGbv9Qs/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PINHEIRO, Eraldo dos Santos; COSWING, Victor Silveira; RIBEIRO, Yuri Salenave; VECCHIO, Fabrício Boscolo Del. Aptidão física no rúgbi: comparações entre backs e forwards. Pelotas: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 257–265, 2018.

Doi:10.1016/j.rbce.2018.03.014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/qQfZvksCWxjmrwzrHXqRvcK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 jul. 2025.

RODRIGUES, David; LIMA, Rodrigues, Luzia. Educação Física: formação de professores e inclusão. Ponta Grossa: **Práxis Educativa**. Vol.12, n. 2, p. 317–333, 2017. Doi: DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0002. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/894/89453001002/html/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

ROOKWOOD, Dan. A brief history of rugby: Stiletto knives, drugs, bungs, sex...and the 'what happened next?' round. **Support the Guardian**. [s. l.], 6 oct. 2003, Sport. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2003/oct/06/rugbyworldcup2003.rugbyunion6>. Acesso em: 14 de jul, 2025.

SANT'ANNA, Ricardo Tannhauser; MAZO, Janice Zarpellon. **Charrua Rugby Clube: a história do pioneiro do rugby gaúcho**. Porto Alegre. Curso de especialização em Jornalismo Esportivo, Faculdade de Bibliotecnia e comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94441/000913614>. Acesso em: 13 jul. 2025.

SANTOS, Margarida dos. Como tenho me tornado professora? In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.61-79.

SANTOS, Otavio Henrique Rodrigues dos. Educação Física escolar e o “quarteto fantástico”: afinidade ou comodismo? Dourados: **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 11, 2021. DOI: 10-18264/REP. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/11/educacao-fisica-escolar-e-o-quarteto-fantastico-afinidade-ou-comodismo>. Acesso em: 17 ago. 2025.

UNIFACISA – CENTRO UNIVERSITÁRIO. **Contribuições para elaboração do trabalho acadêmico: opção relato de experiência**. Campina Grande: Programa de Pós-Graduação, 2019. Disponível em: <https://unifacisa.edu.br/wp-content/uploads/2023/10/tipos-tccs-opcao-relato-experiencia.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Plano de Ensino Esportes Complementares**. Ano/semestre: 2024-2. Disponível em:

https://www.faefi.ufu.br/system/files/conteudo/pp_licenciatura.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto pedagógico do curso de graduação em Educação Física – Grau Licenciatura**. Disponível em:

https://www.faefi.ufu.br/system/files/conteudo/pp_licenciatura.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

WORLD RUGBY. **World Rugby – The official site of World Rugby.** Disponível em: <https://www.world.rugby/>. Acesso em: 3 jul. 2025.